

O GLOBO
Segundo Caderno, 4/5/2004

Jovens cantoras buscam se renovar na MPB

Guzzi no jazz, Fernanda, a emepebista, Adriana no samba e Marcela no pop arriscam-se em novos caminhos

Por Hugo Sukman
Cotação do CD: Bom (4 estrelas)

Cantora brasileira, hoje, ou é uma Mônica Salmaso - timbre único, técnica perfeita, pegada estilística e repertório raro - ou tem um problema. O que fazer para se diferenciar numa floresta selvagem de timbres parecidos, estilos que se copiam, técnica pasteurizada nos pro-tools da vida e repertórios que buscam agradar a um mercado hipotético?

A paulista (e jazzista) Guzzi Wooley e a carioca (e emepebista) Fernanda Cunha optaram puramente pela música, com pouca ousadia mas muita, muita beleza e sofisticação. Adriana Maciel encarou o problema munida de um conceito - o samba de não especialistas - e da busca das novas sonoridades para o velho gênero brasileiro. E a jovem de Niterói, Marcela Biasi, a mais pop, investe num universo autoral.

(...)

Em Dois corações (Independente), seu segundo disco, Fernanda Cunha junta composições de Johnny Alf e Sueli Costa, compositores que se caracterizam pela riqueza harmônica e melódica, e densidade no conteúdo.

Com segurança e afinação, Fernanda mostra compreender perfeitamente o universo dos autores. Como Guzzi, escora-se na experiência dos músicos, alguns dos melhores do Rio como Cristóvão Bastos, João Carlos Coutinho, a novata pianista Camilla Dias e o produtor e baixista Jorjão Carvalho. Mas ao contrário da paulista, que voa em improvisos, Fernanda concentra-se no conteúdo das canções, de forma puramente emepebista.

E embora se concentre nos clássicos de ambos (Céu e mar, Ilusão à toa, de Alf, Amor amor, Cão sem dono, de Sueli), Fernanda consegue arrancar frescor dos dois repertórios. Como no blues Nuvens e cetim (Sueli e Abel Silva) ou no samba Dois corações (Alf), que conceitua o projeto nos versos "Responde ao desejo e dispensa senões/Deixemos tudo a critério de nossos Dois corações". Fernanda fez belo disco emocional sobre dois dos maiores compositores brasileiros. Não é pouco.

(...)

Sob os escombros da indústria, a música brasileira se mexe.